

QUANDO
ONDA



QUANDO ONDA

YLO BARROSO FRAGA



© Moinhos, 2019.

Edição:
Camila Araujo & Nathan Matos

Assistente Editorial:
Sérgio Ricardo

Revisão:
LiteraturaBr Editorial

Diagramação e Projeto Gráfico:
LiteraturaBr Editorial

Capa:
Sérgio Ricardo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

F811q
Fraga, Ylo Barroso
Quando onda / Ylo Barroso Fraga.
Belo Horizonte, MG : Moinhos, 2019.
50 p. ; 12cm x 18cm.
ISBN: 978-65-5026-007-1

1. Literatura brasileira. 2. Poesia. I. Título.

2019-928

CDD 869.1
CDU 821.134.3(81)-1

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva – CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Poesia 869.1
2. Literatura brasileira : Poesia 821.134.3(81)-1

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Moinhos
Belo Horizonte — MG
editoramoinhos.com.br
contato@editoramoinhos.com.br

As palavras não são nada mais do que nossa própria vida.

Hakuun Yasutani

Fora da água, nenhuma onda pode existir.

Hakuun Yasutani

A lua não se molha, tampouco a água se parte.

Eihei Dogen Zenji



A LEI REBELDE

antonio nasceu pessoa.
quando moço, foi arbusto.
agora, mineral.

é bom ver o velho antonio enrubescendo,
o segredo em suas maçãs antigas
que gravitam, grávidas
de tanino, sal.

ferrugem que mama
e regenera
no colostro das eras.

gosto de pensar que antonio
é uma pedra andarilha

*suas falanges provocam abalos sísmicos enquanto
acaricia uma rosa*

e que antonio,
e que antonio
embora gasta a palavra pedra:

é uma pedra andarilha
e porventura ilha de bem-aventurança
pois bem ou mal chegou
e sendo ventura de viv'alma
abrolha a pedra à ventura
e ao vento venturoso
seu tributo paga.

MÚSICA DA CARNE

o limite do dia dança
no grito rubro do galo.

a testa franzida, a trança
do tucum, a palo

seco. toda trama
são franjas da manhã.

sanha – quem ama
sorve da romã

a seiva bruta
e o olhar enxuto.

despe o olho, e evita
o ouro que despista,

o mel que não molha.
arde o hálito.

para a alcova entoa
o galo seu cântico:

nem paga em côvado,
nem conta quântica.

é conta mais simples
mas mais adiante,

uma rede que embala,
um gosto rompante.

VOCÊ, ESPELHO, MINHA TRILHA

olho como ilha
invulgar,
seguindo, ímã,
suas pegadas de so-
no eterno, romã
em flor para o Deus-som,
viagem do dólmen ao dólmen
que ainda sendo homem.

seguindo-as, cegarás.
fitando-as, saberás
como libera seu trom
o incriado, e ecoam
sempiternos seus koan,
sumo e semente: ôm.

ANTHROPOS

domesticado pelo símbolo
a voz dizendo
atravessa! atravessa!
fustigado pelo meio-termo
saiu sem sombra uma besta: a cria
era a velha notícia enferrujada
e chumbada nos escombros da cidadela
enquanto a cadela armênia
traçava sua rota pulcra
e os vermes rondavam bêbados
a mortalha só veias e artérias

noite que um sol contém
sob o ubre machucado
o cio exortando a um outro céu.

domesticado pelo símbolo
suportou o peso da carne na carne
cegou ao diapasão da alvorada
Zagreu em arroubo de arrebol

chagas constrictas eram desagravo
ao mar formado de seu suor

e suava e súplicas não rogava
à árvore plúmbea, ao vento pagão.

nu, imberbe, são, como deve
o sem *métron*
de dentro de nós.

JUAN DE LA CRUZ

os deuses sopraram em meu ouvido:
foge, procura no abscondito abrigo
da luz a cuja chama adere o oblívio.

mas tua falta embalará meu sono
e um verbo entre ser e fazer
emprenhará decerto o dia
do mistério já sendo uma pista.

um e nu
raio e diamante
sentinela dos próprios fantasmas
até o momento da despedida
que verbo inaudito
tanto tenho dito!

cunhei minha infância em minério impreciso
o resto sou ventos, voragens, abismos
numa mesma voz, salmos
a conformar este corpo
e aqui estou:
vago a esmo
sobre mim mesmo.
entre dor e deleite,
um outro desejo.

SOL NIGER

cio, siso, azo, sazão,
diapasão
cerzido o mundo
feito meu pão

cozido, rotundo,
nas trevas
e servido ao chão.

como cada não
ido a boca
ao cuspo e ao mosto
amalgama

como a hóstia acre
e sisuda ao sangue
ama e assoma

derramei os olhos
neste cautério
inaugural.